

RODRIGO  
CONSTANTINO

# NÃO TEMA A TEMPESTADE

Uma história de fé,  
resiliência e esperança



RODRIGO  
CONSTANTINO

# NÃO TEMA A TEMPESTADE

Uma história de fé,  
resiliência e esperança



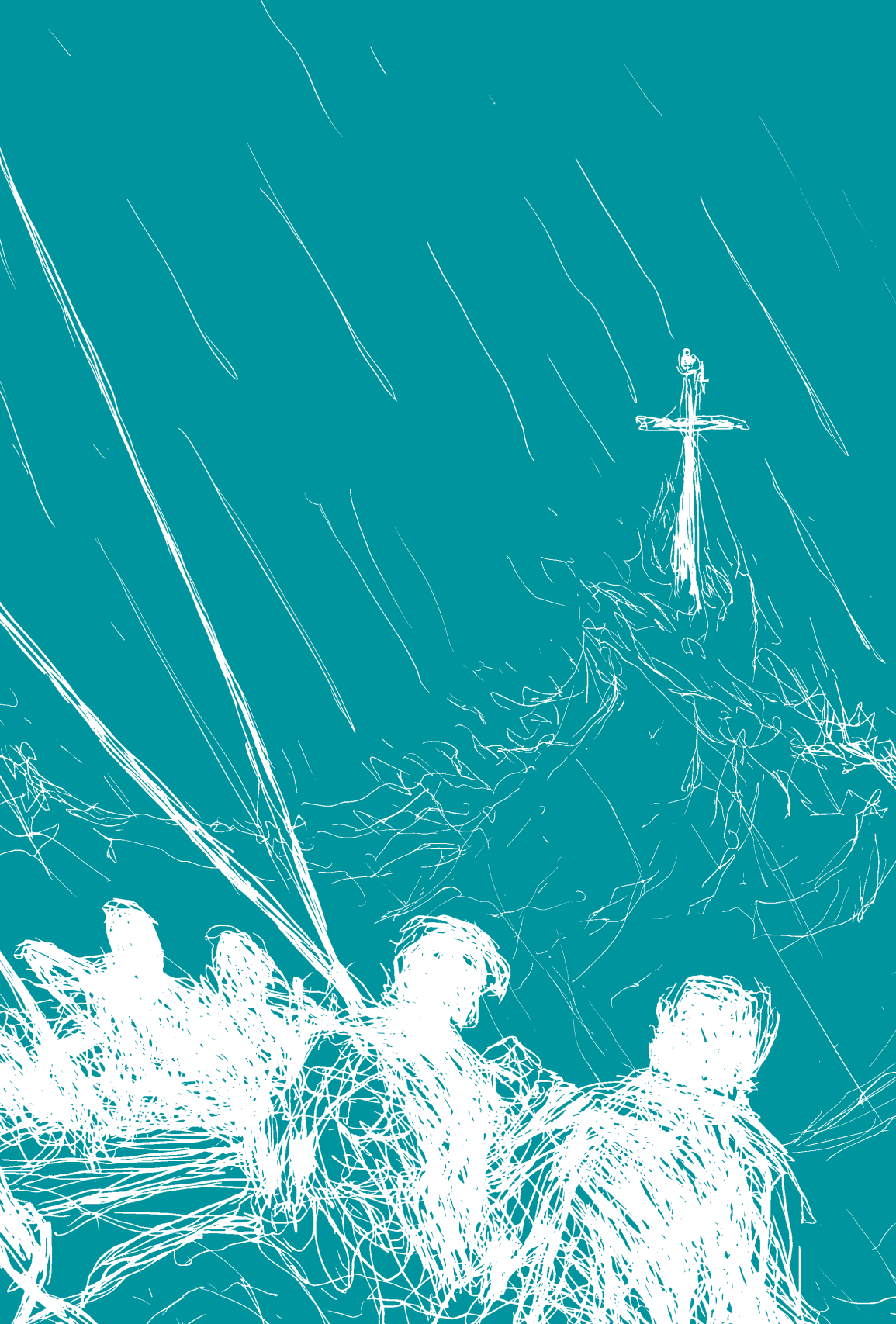


*Para Flavia Caltabiano,  
a mulher da minha vida*

## AGRADECIMENTOS

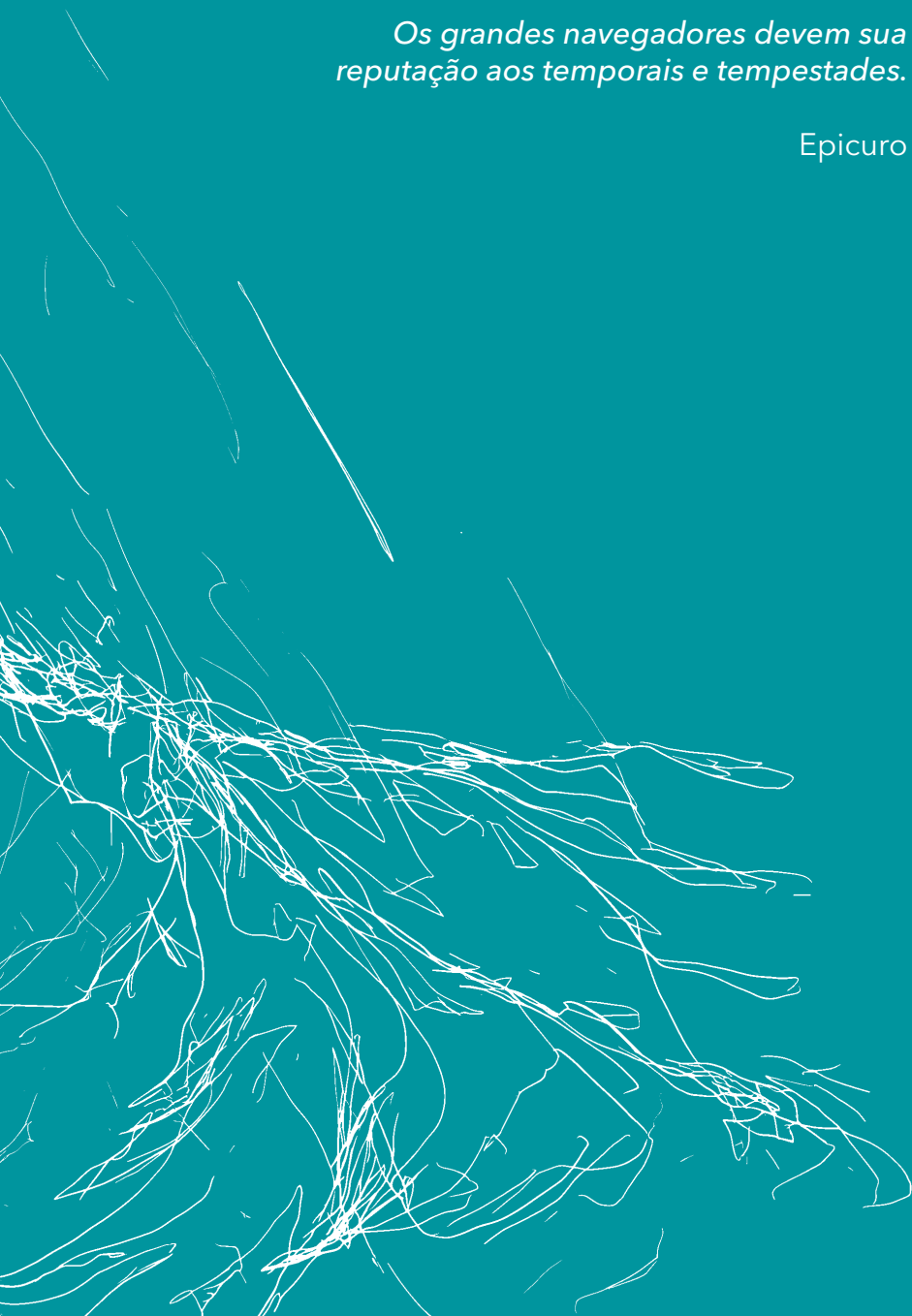


**A**cima de tudo, Deus! Total gratidão pela vida repleta de sentido até aqui. Meus filhos, Laura e Antonio, que tanto amo e que tanta força me dão para desejar continuar o máximo que der neste mundo ao lado deles, enfrentando o que tiver que enfrentar. Minha esposa, que foi de uma parceria impressionante o tempo todo. Nem consigo imaginar ter que enfrentar isso tudo sem ela ao meu lado. Se Deus queria me provar que finalmente escolhi a mulher certa, não precisava me submeter a tanta provação: eu já sabia! Meus pais, amorosos, prestativos, parceiros e a quem devo minha sólida formação moral e emocional. Foram de uma ajuda incrível nessa fase, principalmente com meu filho Antonio. Meus irmãos, cunhados e cunhadas, enteados e sogra, que deram assistência permanente e foram nota dez. Uma família estruturada e unida faz toda a diferença no mundo. Todos os amigos, que se mostraram tão solidários, companheiros, dispostos a mitigar minha dor, ajudar nas coisas práticas, demonstrar carinho. Os milhares e milhares de apoiadores, que admiraram meu trabalho, que criaram uma comovente corrente do bem para orações e todo tipo de ajuda. E, por fim, os desconhecidos, que também enviaram cartas, presentes, mesmo sem saber quem eu era, pois bastava saber que sou um filho de Deus como eles, passando por um momento delicado, e que era importante deixar claro que eu não enfrentaria nada daquilo sozinho. Vocês fizeram toda a diferença do mundo nessa batalha, dando mais sentido, mais leveza e mais otimismo durante cada etapa. Estamos todos no mesmo barco. E mareados, como diria Chesterton. Espero que este livro possa também ajudar outras pessoas que passam por qualquer tipo de dificuldade, de doença ou de provação nesta vida. Que Deus possa usar-me como instrumento para algo maior e do Bem. Amém!

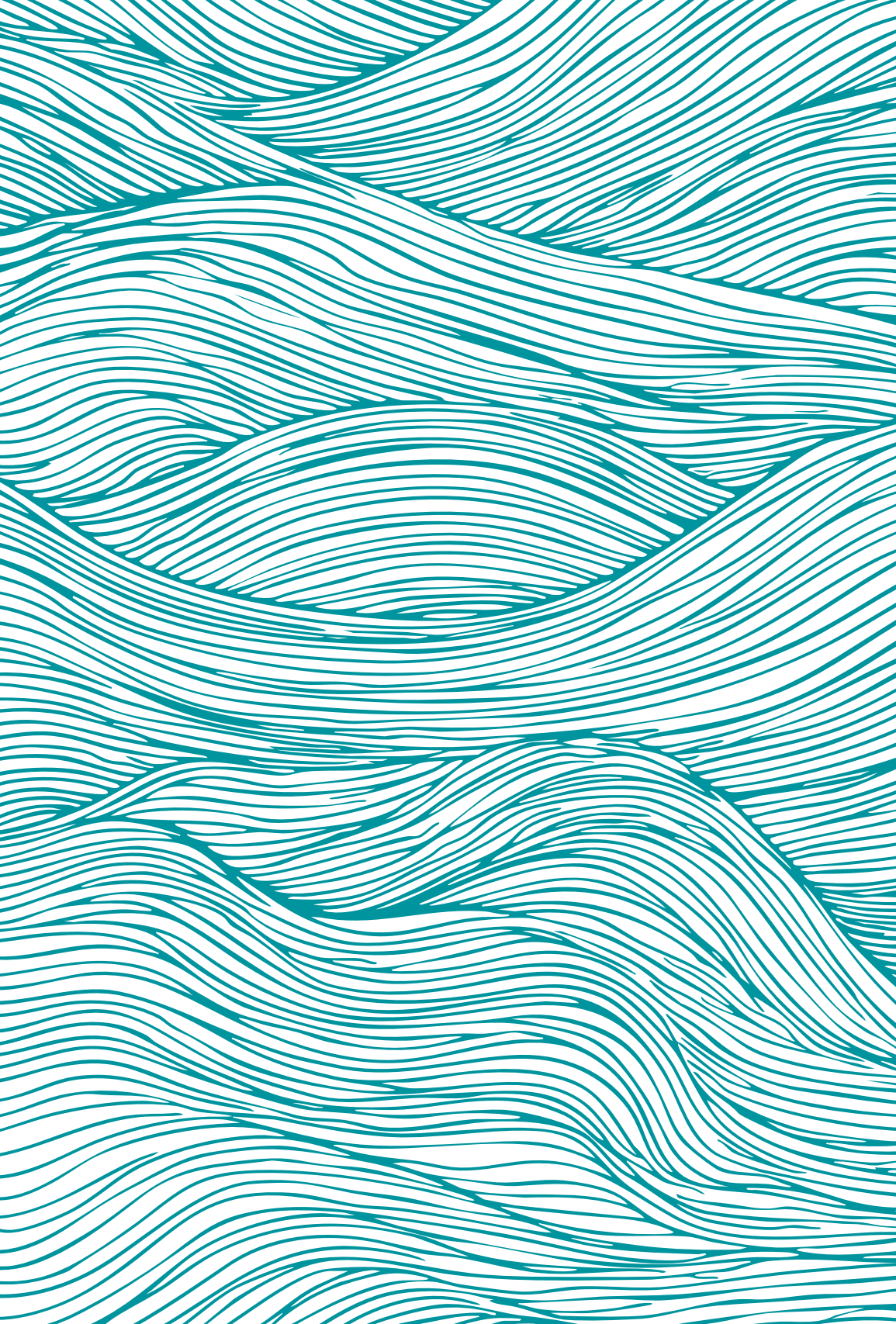


*Os grandes navegadores devem sua  
reputação aos temporais e tempestades.*

Epicuro







# Carta ao meu amigo Rodrigo Constantino

Londrina, 8 de janeiro de 2026.

**Caro Rodrigo,**

Conheci você quando tudo isso era mato. Se bem me lembro — lá se vão mais de 20 anos —, a primeira vez que li seu nome foi no saudoso Orkut, numa daquelas comunidades malucas em que debatíamos freneticamente pela internet discada. (Lembra o barulhinho do modem?)

Naquela época eu estava me reaproximando de Deus. Quer dizer, Ele nunca esteve longe, mas, durante uma longa e tenebrosa noite, que durou muitos anos, imaginei que estivesse.

Quando lia seus artigos, sempre interessantes, porém às vezes equivocados, pensava: “Esse rapaz vai percorrer o mesmo caminho”. E não deu outra. Você voltou para Deus e descobriu que “nEle vivemos, e nos movemos, e somos”.

Agora estou aqui, tanto tempo depois, escrevendo esta carta após ler, com o coração nas mãos, o seu pungente relato de vitória sobre a doença e a morte. Uma imensa legião de amigos, leitores e fãs acompanhou passo a passo as batalhas que você foi travando ao longo desse *annus horribilis* que foi 2025. Lutamos com você, sofremos com você e, por fim, celebramos com você.

O que mais me chamou a atenção em todo esse processo foi a sua elevação espiritual, revelada na capacidade de manter a fê e até o bom humor em meio a sofrimentos purgatoriais. Mesmo nos piores momentos, você se recusou à vitimização. Em vez de lamúrias e cobranças, você uniu suas dores à cruz de Cristo e entendeu que ninguém pode se salvar sem o sacrifício, até mesmo o sacrifício da própria vida. O seu sofrimento, Rodrigo, ganhou sentido ao gerar uma intensificação da vida anterior. É como se você tivesse ouvido as palavras de Jesus a Nicodemos: “Necessário vos é nascer de novo”.

Para suportar esse mergulho nos abismos da dor, precisamos nos inspirar nos grandes heróis. E quem são os heróis? São aqueles cujos atos não podem ser revogados pela morte, ainda que seus autores sejam testados pelas circunstâncias mais extremas. Em nosso tempo, há alguns desses homens



cujo exemplo não pode ser esquecido: Soljenítsin, Valladares, Van Thuan, Steinhardt, Edith Stein, Akhmatova, Maximiliano Kolbe, Viktor Frankl, Óscar Pérez e tantos outros. Alguns deles vivem hoje, em nosso país.

Uma das cartas mais dolorosas que li na minha vida foi a que Viktor Frankl escreveu a um casal de amigos depois de receber a notícia da morte de sua família (pais, irmãos e esposa) nos campos de extermínio nazistas:

*“Então, agora estou sozinho. Quem não compartilhou um destino semelhante não pode me entender. Estou terrivelmente cansado, terrivelmente triste, terrivelmente solitário. Não tenho mais nada a esperar e nada mais a temer. Não tenho prazer na vida, apenas deveres, e vivo da consciência... E assim eu me restabeleço, e agora estou reescrevendo meu manuscrito, tanto para publicação quanto para minha própria reabilitação”.*

Pois esse manuscrito, cuja primeira versão Frankl concluiu em inacreditáveis nove dias, tornou-se o livro *Em Busca de Sentido*, uma das obras mais importantes do século XX, lida por milhões de pessoas no mundo inteiro. Até o fim da vida (ele morreu com 92 anos, trabalhando), Dr. Frankl recebia diariamente em média dez cartas de agradecimento, muitas delas de leitores que haviam pensado em suicídio e mudaram de ideia após ler o livro escrito por um homem devastado.

Tenho certeza de que o seu livro, Rodrigo, também vai ajudar pessoas que atravessam a tempestade do câncer. Perdi meu pai e minha mãe para essa maldita doença, mas jamais me esqueceria da luta corajosa que eles travaram e das inúmeras lições que eles deixaram e não podem ser apagadas pela morte. Eles são meus heróis, Rodrigo. Mas também é minha heroína a Ana Paula, uma amiga que perdeu os dois filhos em um atropelamento e, anos depois, estava trabalhando no Hospital do Câncer de Londrina, ajudando outras pessoas a lutar pela vida, assim como o Dr. Frankl faz até hoje com os leitores de *Em Busca de Sentido*.

Como você sabe, meu amigo, nosso país está doente. Tenho a certeza de que Deus o preservou porque você será necessário e fundamental na cura do Brasil.

Que Deus o abençoe sempre,

**Paulo Briguet**

*Escritor*

## APRESENTAÇÃO



*“Vinde a mim todos vós que estais cansados e fatigados sob o peso dos vossos fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas”*

*(Mt 11:28-29)*

**A**colhendo a força desta palavra do Senhor Jesus, tenho a alegria de apresentar este livro de Rodrigo Constantino, *Não tema a tempestade – Uma história de fé, resiliência e esperança*. Mais do que um relato de doença, trata-se de um testemunho de fé, de resiliência e de profunda confiança em Deus no meio da provação do câncer. O autor realizou, em modo profundo, uma ressignificação de sua vida e de sua fé ao defrontar-se com o desafio imposto à sua saúde.

São João Paulo II, na sua carta apostólica *Salvifici Doloris*, recorda-nos que o sofrimento humano, quando unido a Cristo, adquire um valor redentor: “Na cruz de Cristo não só se cumpriu a Redenção por meio do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido” (SD, 19). É nesta luz que lemos estas páginas: a dor não é apenas peso, mas pode tornar-se oferta e caminho de santificação.

A tradição cristã confirma essa verdade. Santo Agostinho (sécs. IV-V) dizia que “Deus não permitiria o mal se não pudesse tirar dele um bem maior”. Na mesma linha, São Gregório Magno (séc. VI) lembrava que

“o sofrimento dos justos é a bigorna em que Deus forja as suas almas”. O livro de Constantino, ao narrar sua experiência, ecoa esta sabedoria dos Padres da Igreja: na provação, nasce uma força que vem do alto.

Tenho ainda uma ligação afetiva neste testemunho. Foi meu grande amigo, o Monsenhor José Roberto Rodrigues Devellard, tio de Rodrigo Constantino, que foi meu professor no Seminário São José do Rio de Janeiro. Apresentar este livro é também render homenagem a essa amizade antiga e sólida, que me une à família do autor.

Durante todo o período de sua luta contra o câncer, Rodrigo esteve presente em minhas orações. Pedi com insistência a intercessão de São Padre Pio de Pietrelcina, cuja vida foi marcada pela oferta do sofrimento unido à cruz de Cristo. Creio que essa intercessão se tem manifestado na vida e na recuperação do autor.

Este livro é, portanto, uma obra de fé e de esperança. Ele nos mostra que a provação, por mais dura que seja, pode se transformar em bênção quando se vive em Deus. Rodrigo Constantino, com a coragem da verdade e a humildade de quem reconhece sua fragilidade, nos ensina que a vida é um dom precioso, sempre sustentado pelo amor divino. Concluo com um pensamento de C. S. Lewis (séc. XX, filósofo cristão): “O sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo” (*O problema do sofrimento*).

**Dom Adair José Guimarães**


*Bispo de Formosa - Goiás*



PARTE I

# A TEMPESTADE INTERIOR

Quando o corpo adoece  
e a alma é testada

The image features a solid teal background. A decorative border of white, wavy, hand-drawn lines frames the central text area. The lines are dense and flow in a circular pattern around the text.

*“A dor é o ponto onde o  
homem é tocado pelo infinito.”*

– NICOLÁS GÓMEZ DÁVILA

## A bomba

“**E**ntão, Rodrigo, esse resultado não foi legal, não. Não tenho boas notícias”. No momento em que você passa a considerar a alta probabilidade de que o inominável o pegou, que seu corpo está sendo atacado desde dentro, poucos podem esquecer. Eram exames de rotina. Os testes de sangue deram todos dentro dos parâmetros, à exceção da bilirrubina. Curto uma bebida, mas nada muito fora da curva. Minha médica, Clarissa suspeitou de síndrome de Gilbert, algo que não afeta muito nosso cotidiano e pode explicar o resultado. Estava tudo normal, em suma. Menos um gânglio inchado no pescoço...

Eu estava seguro de que se tratava de uma infecção. Seis meses antes, eu tinha tido infecção na axila por raspar os pelos com uma máquina. O dermatologista resolveu com incisão e remédios. Sobraram alguns queloides. Como no pescoço a bolinha era bem sobre uma pinta minha, onde costumo passar a lâmina de barbear, o doutor Consta estava certo do diagnóstico: infecção. Vai logo passar. Nada para se preocupar. Vida que segue.

Felizmente, minha noiva sabe melhor das coisas e insistiu para eu fazer um ultrassom. Mas a médica não achou o resultado tão grave assim, pelo tamanho do “tecido soft” no pescoço. Recomendou um remédio que pareceu surtir efeito, e eu relaxei. Sob a insistência da noiva, a médica marcou uma tomografia para ter certeza de que não era nada demais mesmo. E foi esse o resultado que chegou com o impacto de uma bomba.

As palavras que mais me chamaram a atenção foram “metástase” e “biópsia”, enquanto a preocupação da médica era uma menção à base da língua, onde foi encontrada uma deformidade, um material espesso. Como hoje em dia o ChatGPT é basicamente um doutor, minha irmã jogou o texto da análise da tomografia nele e o troço cuspiu: alta probabilidade de carcinoma escamoso, com menor probabilidade de linfoma. Traduzindo para o português: câncer, de uma forma ou de outra.

A informação leva um tempo até ser processada. Sim, eu muito provavelmente estou com câncer! Por que eu? Essa é uma pergunta que muitos devem se fazer, mas eu sabia melhor: e por que não eu? Meu estilo de vida não é dos mais saudáveis, mas tampouco sou alguém com hábitos muito nocivos. Fumei esporadicamente por anos, bebo com alguma frequência, pratico meus exercícios e meu histórico familiar não é dos piores. Na



verdade, sempre me senti um afortunado ao ir ao médico e marcar aquele questionário imenso com “não” para tudo que é doença. Mas existe um fator aleatório aí, uma certa loteria, e sei que não é preciso pecar tanto assim para ser acometido pelo maldito cancro.

Imediatamente após absorver o impacto vem o pensamento inevitável: meus filhos! Amo minha vida, estou noivo e com casamento marcado para dois meses à frente, tenho muitos sonhos ainda e não pretendo morrer. Mas o que realmente gera angústia é pensar nos meus filhos, em particular no moleque com apenas sete anos – a minha filha, com 23, é uma linda mulher criada, formada e trabalhando, cujo futuro eu já vislumbro como um sucesso. Mas e o Antonio, uma criança que já perdeu a mãe, com problemas mentais, que foi para o Brasil quando ele tinha apenas quatro e nunca mais o viu? Se eu não estiver mais aqui, quem vai cuidar dele, criá-lo, transmitir os valores que desejo? Qual o impacto na cabecinha dele de mais uma perda dessas? Isso tira o meu sono.

Graças a Deus tenho uma família maravilhosa. Meus pais, ao tomarem conhecimento do provável diagnóstico, anteciparam a vinda prevista para o Natal. Marcamos as consultas necessárias, os exames, e as reuniões de caráter prático – como com meu advogado para discutir exatamente esses cenários mais catastróficos e o que poderia ser feito para proteger meu filho no pior caso. Ninguém gosta de falar sobre a morte e manter o otimismo de que vai superar o desafio é crucial. Mas quando a palavra câncer está envolvida é preciso ser racional e se antecipar. Gosto do provérbio chinês: “Prepare-se para o pior, espere o melhor e receba o que vier”.

Para extravasar um pouco, fui tocar na bateria *I run for life*, de Melissa Etheridge, sobre o câncer de mama que a cantora teve. Chorei enquanto tocava, com a garra de quem vai vencer essa praga. Segue a letra emocionante:

## **EU CORRO PELA VIDA**

Já se passaram anos desde que eles contaram a ela sobre isso  
A escuridão que seu corpo possuía  
E as cicatrizes ainda estão lá no espelho  
Todos os dias que ela se veste

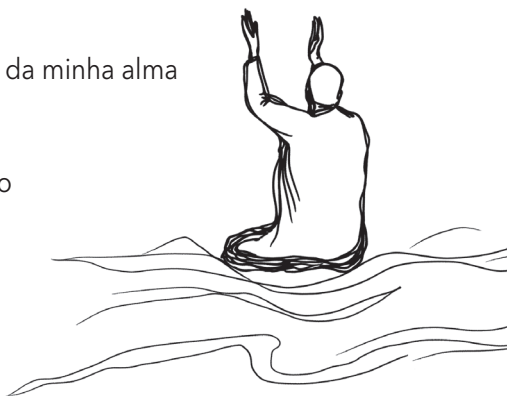
Embora a dor esteja a quilômetros e quilômetros atrás dela  
E o medo agora é uma fera dócil  
Se você perguntar a ela por que ela ainda está correndo  
Ela vai te dizer que isso a torna completa  
Eu corro pela esperança  
Corro para sentir  
Eu corro pela verdade, por tudo que é real  
Eu corro pela sua mãe, sua irmã, sua esposa  
Eu corro por você e por mim, meu amigo  
Eu corro pela vida

É um borrão desde que eles me contaram sobre isso  
Como a escuridão cobrou seu preço  
E eles cortaram minha pele  
E eles cortaram meu corpo  
Mas eles nunca conseguirão um pedaço da minha alma

E agora ainda estou aprendendo a lição  
Para acordar quando eu ouvir o chamado  
E se você me perguntar por que ainda  
estou correndo  
Eu vou te dizer que corro por todos nós

Eu corro pela esperança  
Corro para sentir  
Eu corro pela verdade, por tudo que é real  
Eu corro pela sua mãe, sua irmã, sua esposa  
Eu corro por você e por mim, meu amigo  
Eu corro pela vida

E algum dia se eles te contarem sobre isso  
Se a escuridão bater à sua porta  
Lembre-se dela  
Lembre de mim  
Estaremos correndo como antes  
Correndo por respostas  
Correndo por mais



*“Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus.”*

FILIPENSES 4:6-7 (NVI)

Eu corro pela esperança  
Corro para sentir  
Eu corro pela verdade, por tudo que é real  
Eu corro pela sua mãe, sua irmã, sua esposa  
Eu corro por você e por mim, meu amigo  
Eu corro pela vida  
Eu corro pela esperança  
Corro para sentir  
Eu corro pela verdade, por tudo que é real  
Eu corro pela sua mãe, sua irmã,  
sua filha, sua esposa  
Para você e eu, meu amigo  
Eu corro pela vida  
Eu corro pela sua mãe, sua irmã, sua esposa  
Eu corro por você e por mim, meu amigo  
Eu corro pela vida

## O começo da jornada

**A**pós o impacto inicial, não há tempo a perder com lamúrias. É preciso arregañar as mangas e partir para o diagnóstico, para iniciar o quanto antes o tratamento. Quando se trata de câncer, o tempo é crucial. Marquei, então, uma visita ao médico de pescoço da Universidade de Miami, um dos melhores centros de tratamento de câncer do mundo. Assim que chega a minha hora de fazer o check-in, dispara o alarme de incêndio do hospital. Todos tivemos que descer pelas escadas e aguardar cerca de trinta minutos na rua.

Lá embaixo, desceu a turma da sessão de oftalmologia, cada um com curativos enormes no olho. Parecia cena de um filme de comédia! Um *freak show*! Eu posso perder tudo, menos o senso de humor. Aquela cena era surreal demais, e como busco ver o copo sempre meio cheio, pensei que o alarme poderia ter disparado justamente quando o médico enfiou a microcâmera em minhas narinas. Seria ainda pior, com certeza. Minha situação estava longe de ser das piores ali...

Subimos depois que a coisa se mostrou um alarme falso, e logo fui atendido. O Dr. Leibowitz fez os exames, que incomodam um pouco, mas não

chegam a torturar. Ele não encontrou nada aparente na língua. Ou seja, o diagnóstico seguia inconclusivo, podendo ser qualquer coisa. Não tinha jeito: era preciso marcar logo uma cirurgia para fazer a biópsia. Somente assim teríamos certeza de qual tipo de cancro havia se espalhado em meu corpo, para então começar o tratamento. A data disponível era dia 23 de dezembro, véspera do Natal. Paciência!

No dia 23, às quatro da madrugada, acordei e tomei meu banho para ir ao hospital. Enquanto a água morna escorria pelo meu corpo, pensei em como há prazer nas pequenas coisas, que muitas vezes ignoramos ou tomamos como algo garantido. Eu degustava aquele prazer momentâneo até por saber que as próximas horas não seriam agradáveis. Uma incisão no pescoço, com anestesia geral e entubado para respirar, é um processo que machuca a garganta. Mas é um preço baixo a ser pago para se livrar do mal que habita nosso corpo.

A cirurgia foi um sucesso, ainda que tenha levado mais tempo do que o esperado. Quando acordei da anestesia, só pensava em tomar um gole de água. Estava no deserto, com a garganta seca e dolorida. Queria muito fazer xixi também, mas o troço se recusava a sair com facilidade deitado na cama. Ali começava a fase mais difícil, e eu sabia que vinha muito mais pela frente. Nesse momento, a fé já faz diferença: meus pensamentos eram todos voltados na direção de resiliência, resignação e ciência de que eu precisava enfrentar essa provação para sair fortalecido e melhor do outro lado. Tanta gente passa por coisa tão pior! Ao meu lado mesmo estava uma mulher chorando de dor, reclamando muito e dando gritos de desespero. Fiquei compadecido, mas confesso que isso também me confortou: meu caso, afinal, era bem mais tranquilo. Não vou ficar reclamando de barriga cheia...

Senti muita dor de garganta, mas ela foi passando aos poucos, assim como o alívio após conseguir descarregar a bexiga foi delicioso. Damos valor às pequenas coisas quando estamos submetidos ao sofrimento. Fui liberado e meus pais me levaram para casa. A dor foi passando e consegui ver minhas séries do Prime: *Cross* e *The Agency*. Coisa “leve”, para lembrar que sempre há gente em situação pior do que a nossa. O médico me deu um opioide, mas disse que era para tomar só em caso de extrema dor. Meu pai nem queria comprar, mas eu prefiro ter a pílula “salvadora” só para desencargo de consciência. Não cheguei nem a tomar todo o Tylenol prescrito, pois superei relativamente bem a dor da garganta.

Dormi bem esta primeira noite, ainda que levantando sete vezes para ir ao banheiro de tanta água que bebi. No dia seguinte, véspera do Natal, receberia minha família em casa. Já estava mais animado, e foi neste exato momento que resolvi escrever essas linhas. O curativo no pescoço incomoda, mas é suportável. No mesmo dia, vi a notícia inacreditável de que Alexandre de Moraes mandou prender novamente Daniel Silveira, com quem tinha falado dois dias antes, após sua parcial soltura. O ex-deputado teria descumprido alguma regra da condicional, ao ir ao hospital com dor no rim! É puro sadismo, coisa de psicopata mesmo. A situação do Brasil é tão revoltante que não tenho dúvida de que contribui para o maldito câncer. Mas a alienação não é uma alternativa. Não podemos simplesmente ignorar a realidade como se ela fosse nos deixar em paz assim.

Pensei no Daniel e sua família, em mais um Natal destruído para ele, que já não aguentava mais ficar trancado numa cela de dois por dois, longe da esposa. Fui, então, escrever meu texto para a *Gazeta do Povo*, justamente sobre o sentido do Natal, prestigiando minha querida sogra, com quem tanto tenho aprendido sobre o cristianismo. Segue o texto na íntegra:



## O NASCIMENTO DE JESUS

Rodrigo Constantino

*Verbum Domini:* o verbo de Deus se fez carne. Em determinado momento da história, Deus resolveu se fazer homem, um de nós, frágil, ainda que sem pecado. A cidade escolhida foi Belém, uma das menores e mais simples da Judeia. Ele nasceu numa manjedoura, entre os animais, para mostrar que Deus quer nascer para todos nós, para o mais humilde de todos.

No Evangelho de Lucas, Jesus nasceu em uma manjedoura porque os viajantes ocuparam todos os quartos de Belém. Após o nascimento, Maria e José são visitados apenas por pastores, também felizes com o nascimento de Jesus. Lucas relata que os anjos apareceram aos pastores e anunciaram o nascimento de Jesus.

Do norte de Nazaré, José e Maria tiveram de ir até o sul por conta do censo imposto pelo imperador, para a cidade



de Davi. José pertence ao legado de Davi, aquele que se fez rei derrotando Golias. A partir da obediência de José em ser seu pai adotivo, a profecia se cumpriu que o Restaurador do Reino viria dessa descendência. Em 17 passagens no Novo Testamento, Jesus é chamado como Filho de Davi.

Lucas dá ênfase ao mostrar que Jesus não era o herdeiro de um trono qualquer, mas sim o herdeiro de Davi, membro da família do rei, pois foi ao rei Davi que Deus prometera que seu reinado duraria para sempre. O reino havia sido destruído, mas os anjos apareceram para os pastores e anunciaram o nascimento do salvador, de Cristo Senhor. Jesus não é apenas o rei davídico, mas sim o rei divino.

No Especial de Natal da Evangelizar TV, chamado justamente *Verbum Domini*, a teóloga Maria Tereza Papa explica a importância deste momento para a humildade. Do grego, Cristo quer dizer “ungido”. O verbo se fez carne, o Pai enviou seu filho como salvador do mundo, para expiar nossos pecados. Quando pecamos, criamos um abismo entre nós e Deus, mas Deus se torna ponte sobre esse abismo, para nos salvar, permitindo nossa reconciliação com Ele. Assim, nos salva não só do pecado, mas da morte.

Deus se fez homem para revelar seu amor por nós. São Tomás de Aquino disse que Deus poderia nos salvar simplesmente nos perdoados dos nossos pecados, mas Ele escolheu fazer-se homem, morrer na cruz, para nos mostrar que não só nos perdoa, mas também nos ama. Ele quis também que nós mostrássemos o nosso amor em resposta, já que o amor é um caminho de duas vias. Ele veio, portanto, nos ensinar a amar o próximo, pois assim amamos a Deus.

Maria Tereza lembra que Adão e Eva se afastaram de Deus por conta de uma árvore, aquela do fruto proibido, que deixou o orgulho entrar em seus corações. Quando montamos a árvore de Natal, então, é para anunciar a chegada do novo Adão, Jesus, que trouxe a salvação. As bolas coloridas que enfeitam nossas árvores servem para mostrar os frutos de Deus, um novo tempo inaugurado por Ele, um tempo de esperança, pois vencemos o pecado e a morte.





Na manjedoura, que serve como local de alimento dos animais, Jesus se fez alimento para o mundo todo. A própria palavra Belém significa “a casa do pão”. Jesus é o pão da vida para o mundo, uma imagem poderosa e bonita. O Natal traz mudanças inesperadas na vida, surpresas positivas que alimentam nossa esperança no amanhã. Não foram autoridades importantes que acolheram Jesus, mas simples pastores. Maria Tereza conclui:

“Natal é celebrar o inédito de Deus, ou melhor, é celebrar um Deus inédito, que derruba as nossas lógicas e expectativas. Celebrar o Natal, então, é acolher na Terra as surpresas do céu. O Natal inaugura uma época nova, onde a vida não se programa, mas se doa: onde não se vive para si, na base dos próprios gostos, mas para Deus e com Deus, porque o Natal é o Deus conosco, que vive conosco, que caminha conosco. Viver o Natal é deixar-se sacudir pela sua surpreendente novidade. O Natal de Jesus não oferece o calor reconfortante, mas o arrepio divino que sacode a história. O Natal é a revanche da humildade sobre a arrogância, da simplicidade sobre a abundância, do silêncio sobre o tumulto, do tempo de Deus sobre o meu tempo. Celebrar o Natal é fazer como Jesus, vindo para nós, necessitados, em direção a quem precisa de nós. É fazer como Maria, confiar dóceis a Deus mesmo sem entender o que Ele fará. Celebrar o Natal é fazer como José, levantar-se para fazer aquilo que Deus quer, mesmo se não é segundo os nossos planos. Se soubermos estar em silêncio diante do presépio, o Natal também será para nós uma surpresa”.

Amém! Um Feliz Natal a todos!